

Representações de viagens e da busca da onda perfeita na mídia do surfe¹

Rafael Fortes²

Reflexão: ‘num mundo de crowd e multidão, os que viajam ainda podem encontrar aquele momento, a onda e seu pensamento’.³

A busca é eterna. Se você falar que está satisfeito, você morreu (Renan Rocha, surfista profissional, no filme *Surf Adventures*).

Introdução

Modalidade esportiva intrinsecamente ligada ao espaço, o surfe tem como uma de suas principais manifestações e possibilidades de prática as viagens. Isto pode ser percebido pela valorização, na subcultura do esporte, de surfistas que se engajam na busca eterna da onda perfeita, no desbravamento de locais nunca antes surfados e/ou que se jogam, anualmente, nas ondas grandes do inverno havaiano. Esta celebração do destemor e do espírito de aventura aparece nas falas de praticantes e de jornalistas, as quais podem ser encontradas em fontes diversas: livros de memórias, filmes (documentários e de ficção), blogues, entrevistas em periódicos jornalísticos (especializados ou não), revistas especializadas, programas de televisão, reportagens televisivas cobrindo competições profissionais etc. Mas que aspectos estão envolvidos no ato de viajar e na louvação deste?

Um dos caminhos para responder a questão é analisar a maneira como o surfe é coberto pelos veículos de comunicação. Por exemplo, as revistas de surfe brasileiras costumam focar suas atenções em dois aspectos da modalidade: competições e viagens. Neste sentido, o artigo analisa representações construídas em torno das últimas por uma publicação específica – *Fluir* –, buscando explicitar e analisar que aspectos das viagens

¹ Este artigo recupera discussões da tese de doutorado *O surfe nas ondas da mídia: um estudo de Fluir nos anos 1980*, a qual contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

² Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Lazer (UFMG). Doutor. Contato: raffortes@hotmail.com.

³ Publicidade, *Fluir* n. 1, set-out/1983, p. 30. O termo *crowd* significa quantidade grande e exagerada de surfistas no mar. O *crowd* acirra a disputa pelas ondas, podendo levar a brigas e outras formas de violência, além de, em certas situações, inviabilizar a prática do surfe.

são considerados relevantes. Criada em 1983 em São Paulo (SP), em dois anos tornou-se o principal título voltado para o surfe no país, com tiragens elevadas (para os padrões de uma revista especializada) e sucesso entre parcelas do público juvenil de classe média das grandes cidades brasileiras.

O estudo se concentra em exemplares da década de 1980, período de expansão, organização e profissionalização da modalidade no Brasil. Este processo ocorreu *pari passu* com o lançamento de produções midiáticas variadas tematizando o surfe, algumas das quais alcançaram grande sucesso de público – caso de exemplares de revistas como *Visual Esportivo* e *Fluir*; filmes como *Menino do Rio* e *Garota Dourada*; e do seriado *Armação Ilimitada*.

A discussão sobre viagens permite compreender as representações do esporte promovidas por uma publicação especializada, bem como explorar um dos três aspectos da segmentação das revistas destacados por Mira (2001): a classe social. Neste sentido, busca-se analisar a relação entre dois pontos: a) para quem a revista fala; b) quem ela define como surfista. A afirmação do surfista como um eterno viajante permite inferir que a publicação associa leitor e surfista e que este pertence às classes média ou alta, sendo-lhe possível explorar locais diversos e aprazíveis do litoral brasileiro e de países distantes.

O artigo encontra-se dividido em três partes. Começa analisando as sensações de prazer associadas ao surfe, as quais colocam a experiência dos praticantes em um plano místico. Em seguida, se debruça sobre o aprendizado proporcionado pelo contato com a natureza, o modo de vida simples das pequenas comunidades e o convívio com os amigos. Estes atributos ajudam a fazer das viagens uma atividade bastante valorizada dentro da subcultura do surfe e, particularmente, em *Fluir*. Por fim, aborda a questão subjacente das classes sociais dentro da apologia das viagens e da ideia de peregrinação em busca da onda perfeita. Os três aspectos não são estanques. Como será explicitado em uma das matérias analisadas (“Ponta do Cepílio”), caminham juntos, tendo sido desdobrados no artigo para efeito de análise.

Sonho e prazer

Uma das idéias recorrentes nas matérias sobre viagens é a de “sonho”: o surfista “sonha” o tempo todo com ondas perfeitas. Vivendo o dia-a-dia das grandes cidades, só

lhe resta *sonhar* (acordado) com as ondas. Durante as viagens, tem a oportunidade de transformar o sonho em realidade, ou seja, vivê-lo. O discurso de *Fluir* apresenta esta estrutura (*sonhar* com ondas perfeitas e concretizá-lo ao viajar) como algo generalizado. Referindo-se às direitas de Jeffrey's Bay (África do Sul): “ali está o sonho de cada surfista, onde tanto quanto Uluwatu, em Bali [...], após o dia de surf, tudo parece maravilhoso, tudo leve, puro delírio, prazer... sonho. Mas é real. Existe. Acontece.”⁴

A citação introduz uma segunda idéia, traduzida através de termos como êxtase, prazer e delírio – a de que as viagens permitem passar o dia fazendo *a melhor coisa do mundo*, sem preocupações de qualquer ordem: “praticamente extasiados (completamente loucos) pelo visual dos lugares e estradas e por surfar ondas indescritíveis [...]”.

Muitos adeptos relatam a prática do surfe como uma experiência cósmica e articulada com forças positivas e superiores. O material pesquisado está repleto de exemplos: “nas cristalinas e velozes ondas [...] nos transforma e nos aproxima do ritmo cósmico, da nossa essência vibratória, a energia que cria e destrói todas as coisas”.⁵ Um leitor agradece “por nos ajudar, a cada edição, a ver melhor a magia do surf, e fazer além de tudo desta magia, uma evolução. Uma evolução do espírito.”⁶

Proporcionadas pelo ato de deslizar sobre as ondas⁷, tais experiências podem ser potencializadas pelos lugares: “[...] todos que lá estão [Puerto Escondido, México] sentem uma inexplicável magia própria do lugar, o que faz com que ninguém queira mais sair de lá (nós conhecemos um carioca que estava lá há 6 meses e já havia rasurado seu visto 3 vezes)”⁸; “a força e a cor das ondas nos faz pensar que é tudo um sonho... mas, esta onda é um sonho para qualquer surfista”⁹ (legenda de foto); “na afrodisíaca praia de Itacoatiara, um beach-break que fica na cidade de Niterói [...]”¹⁰. Restrições que se imponham, como a renovação do visto de permanência em uma pátria estrangeira, são rapidamente superadas pelos surfistas. Tampouco problemas locais

⁴ “África do Sul”, Xan [t] e Bruno [f], *Fluir* n. 1, set-out/1983, p. 25.

⁵ “Cartas do Leitor”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 65.

⁶ *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 14.

⁷ Cujá fruição, de acordo com Ford e Brown (2006), constitui o elemento central para todo surfista.

⁸ “México – Puerto Escondido”, Alfredo Bahia e Bruno Alves, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 34.

⁹ “México – Puerto Escondido”, Alfredo Bahia e Bruno Alves, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 38.

¹⁰ “Itacoatiara”, Elvio Pereira, *Fluir* n. 6, set 1984, p. 37-40.

parecem importuná-los: os destinos das viagens mágicas incluem a África do Sul do apartheid (visitada diversas vezes) e países repletos de pobreza e mazelas, como a Indonésia e trechos do próprio litoral brasileiro e latino-americano.

Apesar do vocabulário repleto de alusões a valores e elementos transcendentais, há poucas referências diretas à religião. Entre as raras encontradas, menções a um salmo numa propaganda e a carta com uma espécie de Credo do Surfe.¹¹ Booth atribui ao surfe de alma a aproximação com a contracultura, através da apropriação do esoterismo: “surfistas de alma aplicaram interpretações esotéricas ao surfe: ondas se tornaram sonhos, *playgrounds* [...] e até hospícios, e a busca da onda perfeita se tornou uma procura sem fim” (2001:113). A vertente marca posição dentro do esporte:

O surfe de alma – deslizar sobre as ondas pelo ‘bem da própria alma’ – articulava essa nova política e crítica, e unia surfe e contracultura. Os surfistas de alma rejeitavam o intenso consumismo, materialismo e competição; e expunham uma forma de individualismo ‘fraternal’ que exaltava a criatividade e auto-expressão em um ambiente de cooperação (BOOTH, 2001:112-3).

Neste ponto, a contracultura serve como referência para a recusa a certos valores da sociedade burguesa. No caso específico do surfe, muitos combatiam e combatem com veemência o profissionalismo e a realização de competições, bem como a exploração comercial promovida pelas empresas. É interessante pensar no uso da expressão “alma” para se referir a um esporte tão baseado em sensações do corpo. O surfe de alma chama a atenção para a dimensão não-comercial e não-remunerada, na qual descer as ondas converte-se em atividade transcendental que alimenta e eleva o espírito.

A noção do surfista como desajustado em relação aos valores burgueses, que adota “comportamentos tidos como marginais pela sociedade”, viaja de forma errante e tenta se unir a crenças de civilizações antigas aproxima-no do romantismo nos termos analisados por Enne (2005). A viagem ao Oriente e o contato com civilizações seculares, por exemplo, guardam alguma semelhança com o caráter ritual e simbólico da ida anual ao Havaí, lugar *sagrado* com ondas de grande qualidade e tamanho e habitado por descendentes da civilização considerada inventora do surfe. Coincidência ou não,

¹¹ *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 62.

em diversas regiões propícias para o esporte – Peru, Ilhas Galápagos, Taiti, Bali e outras ilhas indonésias, Peru, México – vivem povos que descendem de civilizações e/ou praticam religiões milenares, dado que aparece de forma recorrente nas matérias sobre viagem.

Como se pode perceber, a dimensão onírica e esotérica constitui parte importante das representações do ato de viajar. A outra face da moeda são os acontecimentos cotidianos vivenciados em uma estada longe de casa.

Contato com a natureza e pessoas simples

Esta seção aborda três traços recorrentes e bastante valorizados nas matérias sobre viagem: a convivência diária com natureza, pessoas simples (moradores locais) e amigos.

Eis o que uma ida a Fernando de Noronha pode proporcionar:

Ficamos em F.N. durante 4 semanas. Para nós foi uma grande experiência não só pelas ondas indescritíveis mas também pelas pessoas, costumes e visuais raros do lugar. Todos os dias fazíamos longas caminhadas em busca das ondas, em praias completamente desertas e sem nenhuma pegada humana, onde os pássaros ficavam imóveis, nos observando sem qualquer medo.¹²

O trecho associa os dois primeiros pontos. A natureza se manifesta na proximidade dos animais, nas praias sem vestígios de presença humana (a dos próprios surfistas é descartada), na paisagem diferente. As pessoas que vivem em Fernando de Noronha e seus costumes compõem as peculiaridades que tornam a ilha tão especial.

Considerando que o leitor para quem se escreve é primordialmente urbano, o contato com a natureza ganha contornos especiais. Entre os muitos exemplos que poderiam ser citados, utilizo uma matéria de 1985 sobre a região que fica na divisa entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.¹³ Localizada no Parque Nacional da Serra da Bocaina e de difícil acesso – simbolizado pelo “trecho conhecido como ‘Deus Me Livre’, nome sugestivo dado à maior ladeira da estradinha” –, lá “o Surf é bem selvagem” em “praias quase virgens” e não há energia elétrica ou local para

¹² Aldhemar J. Freitas Filho (Deminha), “Fernando de Noronha”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 16-20.

¹³ “Ponta do Cepílio”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 10, jun-jul 1985, p. 78-89.

hospedagem, sendo necessário acampar ou ficar em Paraty, a quilômetros de distância. Em meio a dicas como a de encomendar almoço pela manhã com “D. Clara (esposa do seu Antônio)” antes de à praia, a matéria adota certo determinismo geográfico ao discorrer sobre os moradores: “o povo local vive basicamente da pesca e de pequenas culturas. Essa é uma região altamente piscosa e com uma boa terra para o plantio, o que faz com que seus moradores sejam pessoas saudáveis e alegres.”

De acordo com o texto, o local sofre com ameaças de “destruição e [...] desequilíbrio ecológico causados pelo homem.” A reportagem lista uma série de recomendações: “[...] não se esqueça de que lá é uma área de preservação, portanto, não moleste os animais, não arranque plantas e não espalhe lixo.” O local estaria “com seus dias contados”, por isso seria preciso fazer de tudo para preservá-lo, do contrário “talvez nossos filhos não tenham [o] privilégio [...] de surfar ali e de receber no corpo e espírito toda a energia positiva e mágica que envolve esse lugar”. O lugar “começou a ser freqüentado pela nata da contra-cultura paulista” e por estrangeiros entre 1974-6, “tempo de descobertas lisérgicas”, tornando-se “o paraíso da liberdade”, em meio à “repressão total que havia no país”. Tudo corria bem, até que surgiram “freaks”, “ladrões” e “os ladrões multinacionais”. Os últimos, de maior periculosidade, se materializaram na iniciativa de uma subsidiária da Brascan Imobiliária, que queria criar um “paraíso” turístico com hotel cinco estrelas. Para tanto, os “ladrões” “invadiram o local com todas as armas a que tinham direito: tratores, moto-serras, motoniveladoras, muito dinheiro para corromper políticos, juízes e delegados, além de um bando de jagunços armados cuja principal função era instaurar o Terror.” Segundo o relato, seguiram-se espancamentos de moradores e incêndios criminosos de casas e plantações. Todavia, a mobilização local, somada ao esforço de turistas paulistas para divulgar os acontecimentos e buscar ajuda, conseguiu barrar a iniciativa. O texto prossegue:

Você que está lendo esta matéria e que talvez tenha vontade de conhecer este lugar mágico onde rolam tubos alucinantes, lembre-se sempre que ali vivem pessoas muito diferentes de você e eu, habitantes das grandes cidades, e que essas pessoas devem ser tratadas com o máximo respeito por representarem valores que nós há muito perdemos. Pessoas que trazem a pureza do contato íntimo com uma natureza que explode em vida e cores por todos os lados. Pessoas que trazem o misterioso poder dos olhos brilhantes. E que sabem o que é a magia...

Em primeiro lugar, salta aos olhos o estabelecimento de um corte nítido entre os

hábitos e visões de mundo dos moradores locais e os dos visitantes da cidade grande. Os primeiros são ingênuos, felizes e afortunados, detentores de valores e de um estilo de vida harmônico e positivo, enquanto os últimos desconhecem ou perderam esses atributos. O diferencial fundamental é o contato com a natureza: quem vive na Ponta do Cepílio é privilegiado e guarda uma série de características positivas, ao passo que, para os visitantes, cuja inocência se perdeu “há muito”, resta o “privilégio” de frequentar um lugar com tantos atributos, tentar aprender com a experiência e mantê-lo preservado, de maneira a que outros possam usufruí-la.

Segundo, afirma, de forma inequívoca, que o leitor de *Fluir*, assim como quem a produz, vive nas “grandes cidades” – uma das raras vezes em que situa geograficamente o público a quem se dirige. Isto permite complexificar o corte indicado no parágrafo anterior: na medida em que o diferencial fundamental é viver fora ou dentro das grandes cidades, o fato de elas estarem ou não próximas ao mar torna-se secundário. “A pureza do contato íntimo” com a natureza só é possível afastando-se dos centros urbanos. Trata-se de um exemplo da naturalização de referenciais definidos a partir de características peculiares ao surfista *paulistano*. Sob esta perspectiva, viver numa metrópole e surfar, portanto, não significa experimentar o privilégio de que se está falando, nem estar livre dos males inerentes a quem nela habita – visão que diverge claramente do *desejo de natureza* explorado por Dias (2008) em sua pesquisa sobre moradores do Rio de Janeiro. O “desejo de natureza” e a ligação da mesma a valores positivos (saúde, harmonia, bem-estar) esteve na base da disseminação do surfe e do montanhismo no município (DIAS, 2008). Nas páginas de *Fluir*, o fenômeno vinha acompanhado da atribuição de valores negativos ao urbano, espaço tratado como opressor, poluído e incômodo. Este ponto de vista aparece de maneira mais explícita nas matérias sobre viagens, mas pode ser encontrado nas demais seções: uma nota recomendando a visita a uma loja de surfe no Centro de São Paulo apresentava-a como “um buraquinho mágico, uma brisa atlântica no meio do concreto [...]”.¹⁴ A proximidade da natureza é sempre encarada como algo positivo, mesmo que se esteja em uma loja no “Centrão”, em meio ao “cinza da cidade”.¹⁵

Terceiro, o modo de vida local encontra-se em harmonia com a natureza e difere

¹⁴ “Toques”, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 20.

¹⁵ *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 25.

bastante daquele observado na cidade. O espaço é convertido em lugar de experiências pelos adeptos da contracultura, atitude que não representa ameaça aos que lá residem. A presença dos surfistas pode ser harmônica, desde que respeitosa e atenta à preservação. Nesse sentido, a postura da revista é ambivalente, pois ao mesmo tempo em que estimula a visitação, ao revelar belezas e qualidades, inclusive com dicas sobre como chegar, onde ficar e como se alimentar, estabelece parâmetros para o comportamento dos visitantes e admite que o aumento da frequência pode destruir o local.

Se, por um lado, o crescimento do número de visitantes é potencialmente nocivo, por outro é justamente a presença de pessoas apegadas à ideia de preservação que, juntamente com a resistência dos moradores, impôs limites à especulação imobiliária promovida pelo grande capital, que usou táticas truculentas na tentativa de apropriar-se do território. Na medida em que as iniciativas de luta das pequenas comunidades costumam receber pouco espaço nos meios de comunicação corporativos, o *barulho* feito pelos frequentadores – com uma menção ao apoio do jornal *Versus* – constituiu um importante aliado dos moradores para espalhar a notícia e angariar adeptos na árdua briga política para barrar o empreendimento. Chama a atenção a posição inequívoca adotada por *Fluir* de denúncia e crítica em relação a um tipo de intervenção capitalista: a construção de *resorts* para turismo de luxo.

Se, por um lado, o crescimento do turismo tende a alterar o espaço e aumentar a destruição (sendo certos tipos de turista mais *perigosos* que outros), inclusive através da especulação imobiliária e da atração de grandes grupos privados, neste caso específico a solidariedade – acompanhada, evidentemente, do interesse de manter o lugar acessível a visitas e ao surfe – contribuiu para preservar, ao menos temporariamente, as condições de vida dos residentes.¹⁶

Contudo, inexistente, na publicação, reflexão sobre o papel exercido por ela própria ao estimular o crescimento do número de surfistas e as viagens. Este incentivo se dá de duas maneiras: a) via valorização simbólica das viagens dentro da subcultura do surfe;

¹⁶ O impacto do turismo ligado ao surfe sobre as economias locais é um dos pontos centrais de *Indo.doc*. O documentário retrata a viagem de quatro surfistas brasileiros por países do sudeste asiático atingidos pelo Tsunami (2004) e considera a presença de surfistas bastante benéfica para a população local (incluindo falas dos próprios moradores). Um caminho interessante de investigação é pensar os locais da Indonésia mostrados no filme como exemplos de economia local de subsistência articulada à circulação global de turistas. O documentário está disponível na íntegra em <http://www.lanho.com.br/indodoc/>. Acesso em 04/1/2011.

b) funcionando como um *catálogo* de turismo com lugares a serem surfados mundo afora. Reside aí um paradoxo: a valorização do sossego e do caráter isolado dos destinos em textos dirigidos a milhares de leitores, cujo conteúdo os estimula a conhecer estes mesmos lugares e descreve em detalhes condições para o surfe (praias, bancada, ondulação, vento, tipo e tamanho de onda), tempo de viagem, linhas aéreas e estradas disponíveis, possibilidades de acesso às praias via barco ou carro (e onde e como negociar para alugá-los), dicas de hospedagem (pousada, casa de moradores) e de vida noturna.¹⁷

Tomo como exemplo a reportagem sobre Puerto Escondido, cuja tranquilidade se elogia, “apesar de constante vai-vem de turistas”.¹⁸ O local “é um porto de pescadores, mas que a cada dia vai ficando menos escondido devido ao grande número de turistas vindos de todas as partes do mundo.”¹⁹ Ora, o turismo não deixa de ser uma forma de expandir o alcance e a exploração capitalistas a “praias, montanhas e outros espaços inicialmente ‘improdutivos’” (NICOLAS, 1994:91). Porém, em momento algum relaciona-se o lamento pelo crescimento da exploração turística de Puerto Escondido à veiculação de matérias como esta, cuja circulação contribuía para torná-lo cada vez mais descoberto, efeito potencialmente acentuado pelas dicas sobre como chegar e onde ficar. A revista se porta como se o problema não lhe dissesse respeito.

Ainda no que diz respeito à natureza, as matérias apresentam fotos de animais, paisagens naturais e/ou rurais (campos, praias, árvores, palmeiras), paisagens subaquáticas (corais, peixes). A convivência com os animais e o ritmo lento da natureza proporciona aprendizado aos viajantes. A exaltação das qualidades aparece com frequência: “logo no primeiro contato percebe-se como é diferente a sua vegetação, como são lindos seus animais. Tudo ali [Farol de Santa Marta, SC] se mistura numa eterna harmonia, inclusive as ondas [...]”.²⁰

Por fim, nas viagens em grupo, é preciso considerar os laços de amizade entre os surfistas, inclusive os que trabalhavam na redação de *Fluir*. Nas primeiras edições, certas matérias surgem a partir de viagens de amigos que se reúnem para surfar, cujo

¹⁷ Cf., por exemplo, “Expedição Sul”, Alberto C. Alves e Edison Leite, *Fluir* n. 7, dez 1984, p. 64-81. “Indonésia – 1ª. Parte”, Alberto A. Sodré, *Fluir* n. 12, out-nov 1985, p. 52-67.

¹⁸ “México – Puerto Escondido”, Alfredo Bahia e Bruno Alves, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 38.

¹⁹ “México – Puerto Escondido”, Alfredo Bahia e Bruno Alves, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 34.

²⁰ “Expedição Sul”, Alberto C. Alves e Edison Leite, *Fluir* n. 7, dez 1984, p. 77.

relato vai parar nas páginas da revista, principalmente se entre eles estiver um fotógrafo da mesma. Em uma delas, três dos quatro viajantes trabalhavam ou colaboravam com a publicação, sendo dois fotógrafos – o caráter intimista se revelava também na citação de familiares na parte dos agradecimentos.²¹

A temporada de inverno havaiana possibilitava a convivência com amigos e a feitura de novas amizades. Uma reportagem buscou descrever o *clima* de uma casa onde se hospedavam dezenas de brasileiros:

As variações de sotaque eram tantas – havia representantes de todos os Estados da orla marítima brasileira – que o lugar mais parecia a torre de Babel da língua portuguesa. Para cada nova turma que chegava arranjava-se espaço em instantes. Varandas transformavam-se em quartos com paredes e beliches feitos pelos filhos da Milly (dona da casa) em poucas horas, numa prova de incrível habilidade na marcenaria de emergência.²²

O trecho denota um certo espírito de aventura aliado a alegria e ingenuidade. Valoriza-se a vivência proporcionada por tais condições de viagem e hospedagem para se conhecer situações novas e inesperadas, conviver com pessoas diferentes, forjar novas amizades. A experiência possibilitada pelas viagens leva muitos textos a se encerrarem com um lamento e promessas de volta: “num lugar assim o tempo passa rapidinho e chegou a ser triste o dia de seguir viagem, pois além das ondas perfeitas, a gente acabou fazendo muitas amizades no local.”²³ A feitura de novas amizades (com locais ou viajantes) e o estreitamento das relações entre os membros do grupo que viaja junto estão entre os aspectos constantemente destacados.

Classe social e busca da onda perfeita

Resta abordar o caráter de classe embutido na apologia das viagens e da busca eterna da onda perfeita. Há quem enxergue ausência de classes no surfe:

[Os surfistas] são amigos de seus patrões, viajam juntos, surfam juntos e recebem o apoio necessário (GUTENBERG, 1989:7).
[...] Essa indústria gera empregos para milhares de pessoas. Melhor ainda,

²¹ “Trilhando o Pacífico – Peru, Equador e Galápagos”, Alberto C. Alves e Motaury, *Fluir* n. 12, out-nov 1985, p. 36-49.

²² “Hawaii: um inverno quente nas ilhas”, *Fluir* n. 20, mai 1986, p. 43.

²³ “África do Sul”, Xan, *Fluir* n. 1, set-out/1983, p. 24.

permite que milhares de pessoas vivam do esporte e continuem a curtir a vida como aqueles pioneiros pretendiam (GUTENBERG, 1989:111).

O ponto de vista do jornalista, autor do livro *A história do surf no Brasil*²⁴ e um dos fundadores da Abrasp (Associação Brasileira de Surf Profissional), é compartilhado por anunciantes presentes no próprio volume. Uma das propagandas garante: “para nós da administração, trabalhar com o surf é quase uma terapia, é unir o útil ao agradável, é pegar onda pela manhã e atender os amigos e fornecedores logo após”.²⁵ Por estar ligado ao surfe, o trabalho é quase descaracterizado como tal, tornando-se, como num passe de mágica, livre de uma série de mazelas e da condição inerente de exploração nos marcos da sociedade capitalista. No entanto, a própria fala do anunciante traz, em seu cerne, elementos para a crítica da ideia de que *trabalhar com o surfe é como se não fosse trabalhar*: ao explicitar os benefícios para os que administram, deixa subentendido que a flexibilidade de horário (que permite surfar) e o encontro com amigos para tratar de negócios não estão à disposição dos demais empregados da indústria do surfe, submetidos a condições laborais como as de qualquer empresa.

Não pretendo negar ou discutir os benefícios enxergados pelos próprios agentes em trabalhar próximo ao surfe, o que certamente facilita o acesso à prática do esporte. Quando um anúncio afirma que estar no ramo é “um jeito de trabalhar com a coisa mais gostosa do mundo (mulher não conta)”,²⁶ sem dúvida está realçando os ganhos, inclusive simbólicos, que a proximidade com uma atividade pela qual se é apaixonado pode trazer. Todavia, proponho interpretar a fala de empresas e empresários no que ela carrega de ideológico. Afinal, convencer as pessoas de que vivem no melhor dos mundos é uma forma de naturalizar a desigualdade e manter a dominação.

Feito este preâmbulo, cabe perguntar: em que medida a questão da classe social está presente na fala de *Fluir* sobre viagens? O final de uma matéria já citada fornece algumas pistas:

À noite o espetáculo eram as estrelas e, quando o calor era muito forte, dormíamos ao relento. Ao fechar os olhos as imagens eram sempre aquelas

²⁴ Publicado em formato revista como edição especial de *Fluir*, contendo anúncios e vendido em bancas de jornal.

²⁵ Anúncio publicado em Gutenberg, 1989:58.

²⁶ Anúncio publicado em Gutenberg, 1989:65.

ondas, não dava para ver outra coisa. Outras vezes, o agito era o forró local [...]. Dia sim, dia não, faltava luz. Às vezes chovia de madrugada. Na verdade, eu sinto muita dificuldade em explicar o que é F.N., o que eu vi e senti por lá nunca será transmitido a vocês em algumas páginas ou mesmo em muitas. Só mesmo quem já foi lá pode ter uma breve idéia do que seja aquilo tudo, imagine quem nunca pôs os pés ali.²⁷

O trecho permite várias inferências. Primeiro, questiona, mesmo que de forma enviesada, uma premissa importante do jornalismo: a pretensão de ser os olhos do leitor e dar a ele a sensação de poder *estar lá*, seja através de uma narrativa minuciosa e/ou do despertar de sensações.²⁸ Em um dos arroubos de sinceridade do início de *Fluir*, o autor destaca a dificuldade de traduzir impressões em palavras. Não se trata de uma reportagem produzida por um membro da redação, mas do “relato da viagem de quatro surfistas paulistas ao paraíso do Surf Brasileiro”, o qual “FLUIR publica com exclusividade”.²⁹ A veiculação de um texto com estas características é típica da mídia de nicho, que valoriza a participação dos agentes na subcultura e abre espaço para suas falas – atitude improvável em veículos produzidos sob as normas hegemônicas do jornalismo (THORNTON, 1996).

Se todo relato é necessariamente incompleto, o problema é agravado pelo caráter distintivo da viagem ao “paraíso”: a diferença entre os privilegiados (nos vários sentidos do termo) que a fizeram e os leitores torna-se ainda maior, como decreta o fim do texto ao separar “quem já foi lá” e “quem nunca pôs os pés ali”.

As duas inferências apontam para a deslegitimação do lugar ocupado pela revista, na medida em que um de seus atrativos consiste em levar ao leitor experiências novas: *estar* em lugares distantes, exóticos e paradisíacos e *surf* ondas perfeitas.³⁰ O trecho distingue não só entre surfistas – quem esteve ou não em Fernando de Noronha –, mas também entre os próprios leitores, pois a última frase dá a entender que o leitor será

²⁷ Aldhemar J. Freitas Filho (Deminha), “Fernando de Noronha”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 21.

²⁸ Algo que formas de narrar como teatro e literatura realizam há muito mais tempo. Existe uma extensa discussão acadêmica sobre a relação entre jornalismo, narrativa e gêneros de texto. No Brasil, ver diversos trabalhos de Ana Lúcia Enne, Luiz Gonzaga Motta, Marialva Barbosa e Muniz Sodré, entre outros. Uma breve discussão sobre as abordagens, por parte de alguns autores estrangeiros, das relações entre narrativa e autoridade jornalística pode ser encontrada em Fortes (2004:68-73).

²⁹ Aldhemar J. Freitas Filho (Deminha), “Fernando de Noronha”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 17.

³⁰ Na visão de Ford e Brown, “embora as palavras das revistas de surfe sejam importantes, o que realmente leva à compra desses materiais são suas ricas e evocativas imagens” (2006: 33).

incapaz de vislumbrar o que a reportagem está falando. Duvido que tamanha sinceridade tenha sido intencional – tanto que não veio a se repetir.

O editorial de aniversário de 12 anos, assinado pelo editor Zé Lúcio Cardim, radicaliza o destaque dado às viagens. A foto acima do texto mostra uma onda virgem, em praia deserta – um ambiente livre de presença humana. A legenda é bem direta: “Onde? Encontre você mesmo. Quando? Quando você encontrar. Por quê? Porque é o verdadeiro espírito do surf!”. Define-se o ato de viajar em busca de ondas como a real encarnação do “espírito do surf”. A seqüência do texto é igualmente significativa:

Quando doze anos dentro d’água significam simultaneamente doze anos na selva, doze anos no deserto, doze anos sob sol e chuva, sob areia e lama, pelos cinco continentes, nos sete mares, no cafundó do judas... Enfim, quando doze anos dentro d’água querem dizer doze anos na estrada? A FLUIR completa doze anos homenageando os surfistas que não economizaram sangue, suor ou lágrimas em troca de bons momentos na água salgada, mesmo que estejam a muitos quilômetros do que se convencionou chamar de civilização: os viajantes.³¹

As viagens são alçadas a tema central da edição comemorativa e da trajetória da publicação. Identifico, aqui, um paradoxo: só é realmente surfista quem abre mão de conforto, segurança e civilização em busca de ondas perfeitas. A construção em torno das viagens traz consigo uma ideia de despojamento, de despreocupação com bens e conforto material, em busca de algo que alimenta o espírito: a prática do surfe em contato com a natureza – quanto mais intocada e afastada da civilização, melhor. O paradoxo reside na necessidade de uma condição financeira confortável para surfar as ondas paradisíacas e pouco disputadas de lugares como Fernando de Noronha, Bali ou Taiti; para permanecer por semanas sem trabalhar; ou, mesmo no caso do Brasil, para ter ou alugar um jipe com tração nas quatro rodas, que permita chegar a praias de difícil acesso. Enfim, trata-se de um *despojamento por opção* só disponível a quem tem boa situação econômica, ou aos que têm talento suficiente para serem convidados para viagens pagas por patrocinadores.

Com relação a este ponto, é importante considerar que a construção realizada pela mídia não é neutra, desinteressada ou desprovida de valores, mas, como afirma Ribeiro (2005, p. 125), “o campo por excelência do ideológico, em que várias vezes

³¹ “Editorial”, *Fluir* n. 120, out 1995.

disputam a hegemonia das representações”. Constituem exceções aqueles que se mudam para locais bucólicos só para surfar – como o exemplo de Paul Muller, que abriu mão da vida na *civilização* para viver em uma cabana de sapê na Indonésia.³² No mais, trata-se de afirmar como *reais surfistas* os poucos privilegiados que podem realizar uma viagem nas condições mencionadas acima.

Há momentos em que o ponto de vista se radicaliza: “*verdadeiros surfistas têm de viajar* e quem viaja sabe que a vibração positiva, a alegria pura e a alma sagrada do surfe ainda existem.”³³ Ora, tal afirmativa significa banir, no plano simbólico, os praticantes impossibilitados de viajar. Identifica-se o surfista como um turista, a quem cabe circular em busca da onda perfeita. Se, como afirma Bauman (1998:118), a “liberdade de escolha [...] é [...] o mais essencial entre os fatores de estratificação”, a simultânea *obrigação* e *possibilidade* de viajar com frequência e escolher destinos evidencia a classe social privilegiada a que pertence o surfista de quem a revista fala e a quem se dirige. Uma avaliação sobre o esporte no Rio Grande do Sul afirmou que “muito da habilidade do surfista gaúcho é devido às constantes viagens ao exterior, facilitadas pela sua boa condição financeira.”³⁴ Viagens longas pressupõem um campo de possibilidades (VELHO, 1981; 1994) em que há disponibilidade de dinheiro e tempo, sobretudo se envolvem ida ao exterior e utilização de avião.

Talvez seja possível estabelecer uma relação entre as constantes e numerosas referências, na revista, a viagens, e o fato de seus criadores e sede ficarem no município de São Paulo. Não sendo esta – nem a maioria dos municípios do entorno – uma cidade praiana, o simples fato de surfar pressupõe, para seus habitantes, pôr o pé na estrada (ou no aeroporto).³⁵

³² “Os viajantes – a busca da onda perfeita nunca termina”, Adrian Kojin, *Fluir* n. 120, out 1995, p. 64.

³³ *Fluir* n. 120, out 1995, p. 68, grifos meus.

³⁴ “Rio Grande do Sul”, Manlio Bertoluci, *Fluir* n. 7, dez 1984, p. 80.

³⁵ Um dos objetivos das viagens é fugir do *crowd*. Pode-se supor que este sentido seja caro aos paulistanos (e paulistas): dado o contingente populacional do estado e o número de pessoas que se deslocam para o litoral nos fins de semana, feriados e férias, certamente o *crowd* é um dos maiores do mundo. Não que o fenômeno seja recente ou se restrinja ao litoral paulista. Uma revista australiana de 1962 relata o êxodo de surfistas da região metropolitana de Sydney, nos feriados, para fugir do *crowd* (citado por SCOTT, 2005). É preciso ter em conta o plano pessoal: boa parte da redação era composta por surfistas, portanto, as viagens (a trabalho ou por diversão) representavam, para os próprios jornalistas, a possibilidade de surfar.

À guisa de conclusão: a viagem mitológica ao Havaí

A peregrinação em busca da onda perfeita tem um destino especial: o Havaí. A partir de março de 1985, *Fluir* publica, nos primeiros meses do ano, ao menos uma capa dedicada ao inverno havaiano. Cercada de pompa, a cobertura realça as ondas grandes. Aspectos como localismo e risco de acidentes (devido à força das ondas e às bancadas de coral rasas e afiadas) ajudam a compor a mitologia da “temporada”.³⁶ O caráter sagrado e de rito de passagem da ida ao Havaí é um exemplo de como a dimensão simbólica atribuída ao lugar faz parte da apreensão deste pelas pessoas.³⁷ *Surfar no Havaí* e *surfar bem no Havaí* são qualidades bastante valorizadas por *Fluir*. A importância da peregrinação anual ao Havaí pode ser percebida pela ausência de vários surfistas nas etapas finais dos circuitos estaduais e no principal campeonato do país (OP Pro) em 1985 e 1986, pois os atletas já haviam partido para o arquipélago. Tais questões aparecem na produção cinematográfica sobre o surfe. A busca da onda perfeita é um dos temas centrais de *Endless Summer* (LEWIS, 2003:70), filme que teve imenso impacto em audiências ao redor do mundo, encantando e atraindo muitos jovens para o surfe. A sofreguidão relativa ao arquipélago aparece em produções cinematográficas brasileiras como *Fábio Fabuloso*, *Menino do Rio*, *Nas Ondas do Surf* e *Surf Adventures*.

Exemplo particularmente interessante é a edição de maio de 1986, a primeira em que membros da redação vão ao Havaí cobrir a temporada de inverno. A capa anuncia “reportagens, entrevista e altíssimas fotos!”. Há matérias sobre os campeonatos e “os irmãos mais respeitados do surf mundial” (os Ho); o entrevistado é “Roberto Valério, o destaque brasileiro no Hawaii este ano”. O índice traz uma foto com numerosos surfistas n’água, um jet ski obstruindo parcialmente a visão do fotógrafo e quatro surfistas dropando a mesma onda. A legenda informa: “O Hawaii... Hawaii não é como todos pensam. Waimea na hora do rush”.³⁸

Esta legenda aponta uma contradição que só existe *na revista*. Raciocinando: quem vai ao Havaí *sabe* como ele é (marcado por *crowd* e intensa disputa pelas ondas).

³⁶ A “temporada” havaiana corresponde aproximadamente ao período entre novembro e abril, propício para ondas grandes no arquipélago. As atenções se voltam sobretudo para a costa norte (North Shore) da ilha de Oahu, onde se localizam picos famosos como Pipeline, Sunset, Waimea e Haleiwa.

³⁷ Para uma discussão sobre os aspectos históricos (políticos, econômicos, simbólicos) da apropriação do espaço pelos grupos humanos, ver, entre outros, Santos (1985; 2002) e Moreira (1998).

³⁸ *Fluir* n. 15, mai 1986, p. 13.

Se “todos” pensam diferente, cabe perguntar: por quê? De que maneira os leitores (e mesmo os surfistas) – que, em sua maioria, nunca estiveram no arquipélago – podem ter uma determinada imagem dele? E por que esta imagem não corresponde à realidade? Obviamente a resposta aponta para a necessidade de se analisar a representação construída nos meios de comunicação.

A sinceridade da confissão embutida na legenda é pontual, tal qual exceção que confirma a regra. Toda a edição em questão aponta na direção diametralmente oposta: mostrar – principalmente através das fotografias – o Havaí como um lugar em que o surfe obedece ao padrão *um surfista por onda*, onde se pode descer em paz e sozinho quantas ondas quiser. Eis a mistificação produzida pela revista e pela cobertura midiática do surfe em geral, incluindo os filmes (Ford e Brown, 2006, p. 36-7).

Para encerrar, considero oportuno remeter a uma idéia de Edgar Morin, para quem a condição de *voyeur* do espectador televisivo se estende ao leitor de revista, também convertido em consumidor passivo. Trata-se de uma nova categoria, o “espectador puro, isto é, destacado fisicamente do espetáculo” (1997:70). Ele vê, mas não sente, toca, ouve, cheira o espetáculo, como poderia fazer se estivesse presente (pessoalmente). Embora esta visão tenha sido, em alguma medida, superada pelo avanço dos estudos de recepção – com destaque para a atuação de pesquisadores ligados aos Estudos Culturais –, ela dá o que pensar. De fato, uma parte significativa dos leitores de *Fluir* pode consumir as fotos e matérias retratando ondas em lugares paradisíacos, mas nunca terá oportunidade de surfar aquelas ondas (isto é, naqueles lugares e daqueles tamanhos), seja por razões econômicas (falta de dinheiro para viajar), seja por não serem, eles mesmos, surfistas (e mesmo que o sejam, nem todos têm técnica e coragem para descer certas ondas).

Se não é possível ver, tocar, sentir, usufruir de perto as maravilhas do mundo e as ondas perfeitas de Fernando de Noronha, Indonésia, Havaí ou Taiti, ao menos se pode apreciá-las folheando as páginas de um título impresso. De acordo com Morin, o estímulo produzido e despertado pela cultura de massa, no plano imaginário, se traduz, em parte, em realizações concretas: demanda de produtos. A cultura de massa, ao mesmo tempo que desperta desejos, também os sacia (MORIN, 1997:169). A conversão do surfe em fenômeno da cultura de massa estimulou o crescimento do número de surfistas e, com intensidade ainda maior, a demanda por produtos ligados ao esporte,

entre os quais se incluem os comunicacionais. Neste sentido, duas cartas publicadas na mesma página, em 1986, dão conta das *viagens* mentais proporcionadas pela revista: seja *levando* aos lugares quem nunca esteve neles (“[...] apesar de estar dentro de um escritório fazendo coisas de rotina, pude viajar aos lugares mais mágicos e alucinantes” lendo o número anterior), seja reavivando a memória de quem os visitou, como o surfista peruano que, residente em São Paulo, agradeceu pelas “excelentes fotografias mostradas”, que lhe permitiram “reviver momentos fantásticos”.³⁹

Conforme dito anteriormente, ao longo da década, salta aos olhos a crescente quantidade de informações a respeito dos locais visitados: condições de acesso e transporte, equipamento necessário, presença e comportamento de locais⁴⁰, custos de viagem e hospedagem, clima, período do ano propício. Este aspecto revela o paradoxo entre a preservação ecológica defendida pela revista e a exploração destes locais pelos milhares de leitores deslumbrados com os textos e fotos apresentados.

O contato com a natureza revigora os viajantes oriundos da cidade. Lugares como Fernando de Noronha são apresentados como paraísos que proporcionam aos visitantes paz em meio a um modo de vida “tão isento de preocupações”.⁴¹ Esta construção idílica, naturalmente, diz respeito ao olhar do viajante, que enxerga e valoriza a vida rústica, sem perigos ou ameaças como a da violência, permitindo que se dormisse “ao relento”⁴² nas noites de calor (Fernando de Noronha) ou em “cabanas em estilo bem rústico, onde as janelas são simples buracos, pois chuva lá é raridade” (México).⁴³

Do ponto de vista narrativo, sobretudo até 1985, várias matérias seguem estrutura semelhante: começam com uma descrição do trajeto de ida ou das impressões da chegada e terminam com um balanço da viagem e frases relativas a saudade, pretensão de voltar (ao lugar visitado) etc. No que diz respeito às imagens, as fotografias abordam primordialmente surfistas em ação (visitantes e locais), aspectos naturais (coqueiros, animais, pôr-do-sol) e temas/objetos humanos como crianças,

³⁹ “Cartas”, *Fluir* n. 13, mar 1986, p. 20.

⁴⁰ Locais: aqueles que surfam cotidianamente em um determinado pico/praias.

⁴¹ “Noronha Revisitada”, Alfredo Bahia, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 50-2.

⁴² “Noronha Revisitada”, Alfredo Bahia, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 50-2.

⁴³ “México – Puerto Escondido”, Alfredo Bahia e Bruno Alves, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 35.

peças com roupas típicas, barcos e igrejas. Estes elementos revelam a construção dos lugares, do ritmo de vida e dos habitantes como dignos de sonho, naturais, saudáveis, sossegados e harmônicos com a natureza – todos elementos considerados altamente positivos –, em contraponto a uma vida citadina em que tais características se perderam.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade. In: *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 106-20.

BOOTH, Douglas. *Australian Beach Cultures: The History of Sun, Sand and Surf*. London: Frank Cass, 2001.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. (Sport: História)

ENNE, Ana Lúcia S. “O jornalismo está morto, viva o jornalismo!”: reflexões sobre usos e práticas de comunicação. *Contracampo*, Niterói, v. 16, 1º. semestre 2007, p. 49-70.

FORD, Nick; BROWN, David. *Surfing and social theory: experience, embodiment and narrative of the dream glide*. London & New York: Routledge, 2006.

FORTES, Rafael (2004). *A torcida “precisa e imparcial”*: Istoé, Veja e o Plano Cruzado. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense. Disponível em <http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1157>. Acesso em 05/01/2011.

GUTENBERG, Alex. *A história do surf no Brasil: 50 anos de aventura*. São Paulo: Grupo Fluir/Ed. Azul, 1989.

LEWIS, Jeff. In Search of the Postmodern Surfer: Territory, Terror and Masculinity. In: *Some Like It Hot: The Beach as a Cultural Dimension*. SKINNER, James; GILBERT, Keith; EDWARDS, Allan (eds.). Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2003, p. 58-76. (Sport, Culture & Society, v. 3)

MIRA, Maria Celeste (2001). *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d’Água/Fapesp.

MOREIRA, Ruy. O tempo e a forma: a sociedade e suas formas de espaço no tempo. *Ciência Geográfica*, Bauru, v. IV, n. 9, jan-abr, 1998, p. 4-10.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX. Volume 1: Neurose*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 [1962].

NICOLAS, Daniel Hieanaux . Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo à fragmentação na mundialização? In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). *Território: globalização e fragmentação*. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p. 85-101.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. “A mídia e o lugar da história”. In: HERSCHMANN, Michael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). *Mídia, memória & celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005, p. 105-129.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton [org., apres. e notas de Wagner Costa Ribeiro]. *O país distorcido*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SCOTT, Paul. Australian Surfing Magazines: The First Wave (1961-1962). In: Journalism Education Conference, Griffith University, Surfers Paradise (Austrália), 29 nov – 2 dez, 2005.

THORNTON, Sarah. *Club cultures: music, media and subcultural capital*. Hanover (NH, EUA): Wesleyan University Press/University Press of New England, 1996.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.